



UNICAMP

**EVENTO:** Festival de Campos do Jordão /  
Banda Sinfônica do ESP

**VEÍCULO:** Folha de São Paulo

**DATA:** 18 jul 95

**PÁGINA:** 5-7

**SEÇÃO:** Ilustrada



### CAMPOS DO JORDÃO

# Banda supera indigência musical e surpreende Festival de Inverno

**LUÍS ANTÔNIO GIRON**

Enviado especial a Campos do Jordão

A miséria tem sua faceta exótica e comovente. O Festival de Inverno de Campos do Jordão deste ano segue Jorge Amado e Ziraldo. Fez brotar no sábado um narciso na favela cultural em que se converteu: uma banda em noite de gala.

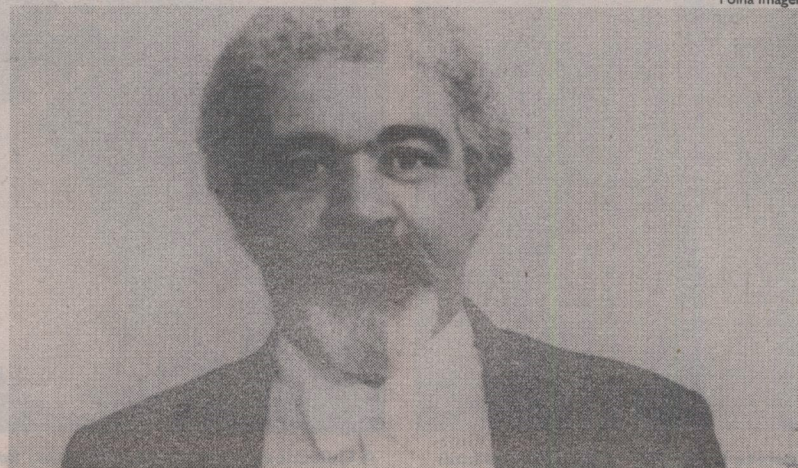
Quem não tem Filarmônica de Berlim se contenta com a Banda Sinfônica do Estado de São Paulo. Regida por Roberto Farias, o grupo provou ser a última flor do brejo erudito do Mercosul.

Sim, vamos assimilar o fato e reconhecer que uma banda é a única orquestra de primeiro mundo em atividade no Brasil.

A multidão que empanturrava o auditório Cláudio Santoro aplaudiu com a frialdade consagrada. Bateu palmas débeis até mesmo entre os movimentos (como ocorreria no interior de Roraima, onde música clássica ainda é a dos ianomamis), o que lhe dá uma autoridade às avessas.

Farias e comandados mostraram um desempenho muito além da mediocridade das orquestras brasileiras. O espetáculo abordou a música contemporânea, cada vez mais rara nas salas de concerto.

O repertório foi incomum, com a presença de dois dos compositores tocados na noite e direito a uma primeira audição mundial: o



Folha Imagem

### O maestro Roberto Farias, da Banda Sinfônica do Estado

“Concertino”, do compositor norte-americano Daniel Havens, 49. A peça, com sabor neoclássico, teve participação do afiado Quinteto de Sopros Pró-Arte do Chile.

Os compositores Achille Picchi, 43, brasileiro, e Vicente Moncho, 56, argentino, se fizeram presentes e tiveram obras executadas.

“Solfieri”, de Picchi, é um poema sinfônico para lá de grotesco. Vale pelas gargalhadas que provoca. O autor quase desossou o piano com arpejos sísmicos, enquanto os sopros carregavam na polifonia de timbres. Já “El Don del Aguila”, de Moncho, espantou pela polirritmia percussiva.

A noite se perfez com a “Fantasia em Três Movimentos”, de Vil-

la-Lobos, obra de 1957, pouco tocada por envolver complexidade.

A banda exibiu desenvoltura com as formas abruptas das peças contemporâneas, agressividade e precisão. É de se especular sobre o motivo do surgimento dessa relíquia num meio vincado pela indigência. As orquestras estão despencando e, de repente, a banda passa e redime o meio musical.

Regente rigoroso, Farias deve ensaiar com chicote e daí obter resultado musical excelente. Outro motivo pode estar na ausência das cordas, exceto os contrabaixos. O Brasil é o país dos sopros, terra de contrastes e coretos. Nossa Filarmônica de Berlim tinha que ser uma banda.